

## Reflexões sobre os significados do trabalho



Foto de Ono Kosuki/Pexels

*Vera Brandão*

**E**sta reflexão, que escrevo na passagem para o ano de 2022, traz um percurso no tempo, com marca na minha história familiar e nas leituras que venho fazendo sobre o tema. Falar sobre os seus significados/sentidos, que vejo como de grande importância, após dois anos de distanciamento social e a conseqüente implantação do trabalho remoto, trouxe novas perspectivas, mas o horizonte mostra-se ainda nebuloso em relação ao 'futuro' do trabalho, especialmente ao aliarmos variáveis que, nos parece, devem ser consideradas em reflexões futuras: o envelhecimento populacional; o desmonte da educação, base de formação para o futuro dos jovens - especialmente considerando as (sempre) novas tecnologias -; a crescente precarização do significado do ato de trabalhar; a ilusão, reforçada na pandemia, que o trabalho remoto poderia ser a solução para um 'novo' mundo, no qual existiria independência e liberdade.

Nesta reflexão soma-se a consciência do tempo vivido, as influências familiares sobre o mundo do trabalho, e a 'construção' da minha carreira profissional, que foram sendo construídas. Percebo, hoje, um fio que liga todos esses tempos e experiências. Retrospectivamente analiso que minha reflexão sobre o valor do trabalho já existia, mas começou a ser sistematizada em um 'novo' despertar, nos estudos sobre seus significados em um curso, na área das Ciências Sociais, no início do meu retorno à academia no ano de 1994.

Iniciei o curso tendo como motivação principal as reflexões surgidas na docência em grupo 60+, em Universidade Aberta, recém-inaugurada, com o tema *Memória, Cultura e Projeto de Vida*. Após conversa com grupo de idosos, e com eles trocando sugestões, iniciamos um projeto de resgate das memórias de vida – família, trabalho, desafios e realizações. A partir dos temas que surgiram destacou-se, entre outros, o significado e importância do *trabalho* na vida de cada um e, muitas vezes, mais ligado às necessidades de sobrevivência que se impunham, e não derivado de planejamento ou desejo de realização.

Destaco que a idade dos participantes, entre 50 a 90 anos, com grau de escolaridade variável, e amplo diferencial de experiências e épocas a ser considerado, pois entre eles alguns eram europeus que enfrentaram a 2ª Grande Guerra, e suas tentativas de sobrevivência; outro grupo que ficou marcado com “O 32”, com muitos participantes, da mesma faixa etária, que viveram os desafios do período da Revolução Paulista<sup>1</sup>. Tudo misturado com vivências de outros imigrantes e migrantes que vieram em busca de ‘vida nova’.

Estava, assim, imersa em memórias de, ao menos, três gerações que consideravam o ato de trabalhar como ‘nobre’, sem excluir sacrifícios e ‘dureza’, que trazia subsistência, mas, principalmente, dignidade ao trabalhador. Poucas eram as mulheres que haviam trabalhado formalmente, embora tenham sido esteio nas lutas pela sobrevivência, em diferentes países e no Brasil. Como vinha, eu mesma, de uma família de imigrantes italianos, na qual o trabalho, e seus sacrifícios, não eram questionados e, sim, muito valorizados, este era um tema que permeava também minha vida e formação e tornava natural minha predisposição à escuta deste grupo.

Iniciei meus estudos universitários na Faculdade de Ciências Sociais da USP, no conturbado ano de 1969. Acredito que minha formação ficou ‘truncada’ devido aos problemas políticos do país, que impactaram fortemente as universidades. Neste período o foco era a política, mas diante da situação, e como ‘rota de fuga’, meu interesse focou a Antropologia, área interessante e de menor ‘impacto’. Só hoje vislumbro, com maior clareza, minha atitude à época.

Cursei em seguida a Faculdade de Educação, na mesma universidade, pois já trabalhava como professora de educação infantil e precisava me aperfeiçoar para garantir o espaço e progredir na profissão. Segui por muito tempo no trabalho, do qual gostava muito, como professora e coordenadora pedagógica na área, até que resolvi fazer um período autodeclarado ‘sabático’, impulsionado por certa insatisfação pessoal.

---

<sup>1</sup> A Revolução Constitucionalista de 1932, deflagrada entre 09 de jul. a 2 de out. de 1932, foi um confronto armado entre forças majoritariamente paulistas contra o governo de Getúlio Vargas, que havia tomado o poder por meio da Revolução de 1930, marco fundador do Brasil moderno. Derivou de uma insatisfação generalizada, entre as quais, a perda do protagonismo político, uma vez que, até 1930, São Paulo, que ascendia graças ao dinheiro do café, basicamente comandava o processo político brasileiro – em aliança com Minas Gerais, na chamada “*política do café com leite*”.

Depois de algum tempo passei pela experiência de docência nos grupos de idosos, que podiam escolher as disciplinas a seguir. Gostei desta 'liberdade' que estava sendo ofertada a este público e, acredito, por eles voltei aos estudos na área de Ciências Sociais, muitos anos depois. Na época não tinha a clareza que ali se iniciava outro tempo de trabalho e vida, servindo com primeiro passo para o ingresso no mestrado na PUC-SP. Escolhi uma disciplina livre para testar o retorno, pois acreditava estar "velha" para reiniciar meus estudos.

Minha escolha foi uma disciplina aberta na área de Sociologia, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Leila Blass<sup>2</sup>, denominada *O Trabalho*, em 1994. Parecia um chamado, ou seria uma grande coincidência? Só sei que reavivou interesses adormecidos, como analiso hoje. Já no início do curso a prof.<sup>a</sup> Leila sugeriu a leitura da obra de Hanna Arendt (1906-1975) *A Condição Humana* (1993).

Segundo a autora "a condição humana do labor é a própria vida". Todo o ato humano que implica a manutenção da vida é considerado labor, ou seja, uma atividade que visa atender a uma necessidade biológica, um processo contínuo que se esgota no próprio consumo.

Devemos considerar porém, que em cada época, o ato de trabalhar deve ser analisado na perspectiva histórica, que indica a sequência necessária na consideração de seu valor social, especialmente adequado nesta reflexão que faço hoje, agora no grupo 'mulher velha', e quando o que é TRABALHO e seus modos está sob escrutínio e discussão. Neste período crepuscular da vida, com as muitas experiências, incluindo a inesperada docência e pesquisa virtual, reflito sobre as múltiplas ressignificações que nós, como sociedade, teremos que fazer em todas as áreas, micro e macro social, sendo o trabalho apenas uma delas.

Arendt em sua obra afirma que desprezado na antiguidade clássica "o labor do nosso corpo exigido pelas necessidades deste último é servil" (p. 94), e adquire na sociedade moderna outro significado, podendo ser considerado como fonte de todos os valores, convertendo-se com a distinção fundamental sobre trabalho produtivo e improdutivo; qualificado e não qualificado, manual ou intelectual. Neste sentido, segundo Durkheim (1999), o trabalho também poderia ser considerado como atividade social, pois permitiria criar uma rede de sociabilidade e integração social.

Encontramos em Karl Marx (1818-1883), pensador e revolucionário socialista, a valorização do labor na afirmação "o labor de alguns é bastante para a vida de todos" sendo que em uma sociedade completamente socializada a distinção entre trabalho e labor desapareceria completamente: *todo o trabalho tornar-se-ia labor*, uma vez que todas as coisas seriam concebidas, não em sua qualidade mundana e objetiva, mas como resultado da força viva do labor,

---

<sup>2</sup> Presto aqui minha homenagem à Prof.<sup>a</sup> Leila Blass, que não mais está conosco, que enxergou em mim potencial a ser explorado. Devo a ela o impulso inicial para retorno à vida acadêmica e no acompanhamento e estímulo até o doutorado em Antropologia - orientado pela querida Prof.<sup>a</sup> Maria Helenas Villas Boas. Duas mulheres, acadêmicas de grande (re) conhecimento, que iluminaram o meu caminhar, na árdua tarefa que se descortinava e tornou-se realidade.

como função do processo vital. Vaccaro (2015, p. 376), lança luz a esta questão, ao afirmar:

A diferenciação proposta por Arendt entre labor (ligada ao processo biológico da espécie) e trabalho (concernente à obra individual) é uma inovação, que caminha em sentido contrário ao entendimento de Marx, que faz uso generalizado do termo trabalho. Esta dualidade conceitual proposta por Arendt fornece, sob o aspecto filosófico, maior compreensão do que seja trabalhar no Mundo Moderno. Isso porque esta diferenciação evidencia o "ato de trabalhar" na perspectiva individual e da espécie. Ou seja, a ideia de trabalho desenvolvida pela autora é capaz de contemplar o significado que um indivíduo pode dar à sua atividade ao buscar construir uma obra que, concomitantemente, obtenha o reconhecimento na esfera pública e construa o mundo comum. Por outro lado, a ideia de labor contempla a atividade desenvolvida por bilhões de indivíduos anônimos que têm o "trabalho" como mecanismo para auferir renda e gastar na esfera do consumo.

O entendimento dos termos labor e trabalho se mesclaram ao longo do tempo e diferentes autores buscaram respostas para a pergunta: como distinguir trabalho e labor? Quais seus diferentes significados? Haveria uma diferença de significados e definição?

Tendo com base as teorias sociológicas clássicas sobre a realidade social, apesar dos diferentes princípios explicativos, vemos que o jurista e economista alemão Max Weber (1864-1920), também considerado como um dos fundadores da moderna Sociologia e Karl Marx (1818-1883) filósofo e sociólogo alemão ultrapassam esta a discussão e são críticos em relação à forma que o trabalho foi assumindo na modernidade.

O sociólogo francês Emile Durkheim (1858-1817) considerava o trabalho como atividade social que permitiria, entre outros, criar uma rede de sociabilidades e integração social. Já o filósofo austro-francês André Gorz (1923-2007), ao contrário, não considerava o *labor* fundamento da coesão social, e afirmava que mais do que incluir, ele exclui; mais do que conduzir a igualdade entre as pessoas, ele introduz, irremediavelmente, a submissão e a heteronomia. Afirmava que “este trabalho necessário para a subsistência não pode jamais converter-se num fator de integração social, mas um princípio de exclusão: aqueles que o realizavam eram tidos como inferiores em todas as sociedades pré-modernas” (GORZ, 1988, p.26).

No entanto, foi a transformação do trabalho assalariado o principal elemento de socialização, responsável não só para que a sociedade industrial se distinguisse de todas as sociedades precedentes, e se autodenominasse como uma “sociedade de trabalhadores”. Porém, ao longo do processo histórico evidenciou-se uma degradação do que era considerado trabalho com a consolidação do capital industrial, e ele se torna apenas um dever, um fim em si mesmo, sem prazer e ‘encantamento’.

Arendt (1993) coloca o trabalho como um fim que responde as necessidades artificiais criadas pela sociedade humana e que “a condição do trabalho é a mundanidade”, ou seja, o ato de trabalhar vai ter significado na medida em que, a partir da natureza, se extrai a matéria prima e a transforma em objeto de uso, cuja durabilidade e valor acrescentariam algo material ao mundo - um produto a ser consumido. Esta produção para o consumo, e sua constante divisão e especialização, leva o trabalhador a perder essa noção do processo e produto final e o tornaria apenas um elo no processo mecânico de produção.

Harry Braverman (1920-1976), escritor reformista americano, afirmava que com o advento do taylorismo (séc. XIX)<sup>3</sup> “o processo de trabalho deve ser independente do ofício, da tradição e do conhecimento dos trabalhadores [...] deve depender não da capacidade dos trabalhadores, mas inteiramente das políticas gerenciais” (1981/s.p). Assim, ao final, o trabalhador não vê sentido algum em seu trabalho, perde sua identidade no ato de trabalhar, torna-se uma ‘ferramenta humana’ da gerência, perdendo sua identidade e valor, vivenciando o emprego como “cárcere de ferro”, utilizando a expressão e visão pessimista baseada na obra do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984).

A passagem do século XIX ao XX foi palco também dos movimentos de organização e luta dos trabalhadores, mas embora tenha havido avanços nas conquistas de direitos sociais e trabalhistas, o trabalho manteve-se como fonte sempre de diferentes formas de sofrimento e adoecimento. São essas contradições que podemos ainda observar na maior parte dos países e setores da economia - a ‘sensação’ do não pertencimento, que se tornou prevalente a partir da grande industrialização no início do séc. XX, mas que hoje, por outros meios de pressão, continua a causar impacto na saúde dos trabalhadores (PRAUN, 2016).

A mesma autora indica que nos anos 1970, o sociólogo Robert Linhart (1980) escreveu sobre o “resultado de sua imersão nas linhas de montagem da Citroën, na França” o cotidiano de trabalho na fábrica “sob o predomínio do taylorismo-fordismo” (2016, p. 148):

Não era incomum que um recém-contratado: [pedisse] as suas contas ao fim do primeiro dia de trabalho, enlouquecido pelo barulho, pelos clarões, pelo monstruoso prolongamento do tempo, pela dureza do trabalho indefinidamente repetido, pelo autoritarismo dos chefes e a secura das ordens, e a sombria atmosfera de prisão que gela a oficina.

Praun (2016, pp. 149-150) indica que “os processos de adoecimento mental foram persistentemente compreendidos como algo relacionado à esfera

---

<sup>3</sup> Frederick Taylor (1856-1915) foi um economista e engenheiro mecânico americano que desenvolveu um sistema de organização industrial, cujo principal objetivo era otimizar as tarefas a serem desempenhadas pelos trabalhadores nas empresas, por meio da organização e divisão de funções. O trabalhador deveria ser monitorado, segundo o tempo de produção, cada um deveria cumprir sua tarefa no menor tempo possível, sendo premiados os que se sobressaíssem o que provocava sua exploração e levava à competição entre os trabalhadores, que se desdobram no cumprimento dos prazos.

individual e, portanto, fora do escopo de ação das entidades representativas, voltadas essencialmente às questões coletivas”.

Destaca ainda que no final da década de 1980 – marcada por forte mobilização social e reorganização do movimento sindical - outro estudo, do sociólogo francês Christophe Dejours, publicado em 1992 com o título “A loucura do trabalho”, no qual o autor propõe uma inversão, apoiado nos pressupostos da psicopatologia do trabalho, para o qual “o aprisionamento do corpo pressupõe o aprisionamento mental”. Quando o trabalhador não pode mais tentar modificar sua tarefa, no sentido de torná-la adequada às suas “necessidades fisiológicas e seus desejos psicológicos [...] é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada” (DEJOURS, 1992, p. 133).

Hoje vemos como este ‘mundo do trabalho’ cresceu, avançou, criou um ‘mercado de coisas’ a serem consumidas, e suas concepções foram sendo revistas, na medida em que a inovação tecnológica acelerada mudava o mundo e os significados do trabalho, como lembra o sociólogo Ladislau Dowbor (2002, p. 04) em sua obra *O que acontece com o trabalho?*

O principal motor das transformações é seguramente a revolução tecnológica que vivemos. A revolução atual não é mais de infraestruturas como ferrovia ou telégrafo, ou de máquinas como o automóvel e o torno, mas de sistemas de organização do conhecimento. É a própria máquina de inventar e de renovar tecnologias que está sendo revolucionada. Isto gera um deslocamento acelerado das formas como nos vinculamos com o processo de mudar o mundo. Muda o próprio conceito de trabalho. A priori, fazer mais coisas com menos esforço não parece um problema, e sim uma solução. No entanto, na ausência das mudanças institucionais correspondentes, a tecnologia termina por privilegiar minorias, e gerar exclusão e angústia na maioria.

Vivemos e acompanhamos essas mudanças, consideradas como fator de progresso para o país, e com alguns ganhos importantes para os trabalhadores, mas a pressão e o conflito entre trabalho-capital e empregados/empregadores continua como forte ‘ruído’ de fundo.

Ainda segundo Dowbor (2002) esta grande transformação é resultado da revolução tecnológica observada ao longo dos últimos anos. Os problemas relativos a infraestruturas de transporte, comunicação e produção foram superados, e hoje o foco é com os sistemas de organização do conhecimento o que gera um deslocamento acelerado das formas e processos de “mudar o mundo”. Afirma que:

A mudança nas tecnologias muda as dimensões espaciais do trabalho, na medida em que as finanças, o comércio, os diversos serviços “intangíveis” que hoje assumem tanta importância, como publicidade, advocacia, gerenciamento à distância, circulam nas “ondas” do novo sistema de informações (TCI – Tecnologias de Comunicação e Informação) em segundos [...] (p. 5)

Muitas mudanças e transformações ocorreram no mundo do trabalho, nestes últimos 20 anos, desde as considerações deste autor, mas ainda existem resquícios desta percepção deturpada nos temas que envolvem o trabalho e as relações trabalhistas e, vemos hoje, que o sofrimento nestas relações só mudou de nome - *burnout*<sup>4</sup>. Síndrome caracterizada como um distúrbio que acarreta esgotamento físico, mental e psíquico no indivíduo, e se desenvolve devido ao acúmulo de estresse no trabalho, pela pressão por desempenho - que leva a uma dedicação intensa e desproporcional à vida profissional - sem que a pessoa tenha momentos de relaxamento, agravada nos últimos tempos pelo uso intensivo das mídias digitais.

Em tempos pandêmicos o tele trabalho, ou trabalho remoto (online), tornou-se necessário e vital, realidade que envolveu praticamente todos os tipos de trabalho/emprego – desde o comércio, com vendas online e entrega por aplicativos, como grandes empresas nas áreas de planejamento e outros. Esta nova realidade do trabalho, amplificada pela Covid-19, foi observada e mensurada recentemente (IBGE, 2020).

A pesquisa permitiu lançar luz sobre quem é a pessoa trabalhando de forma remota no país, sua relevância para a economia nacional, além de suas características laborais, individuais e regionais. Uma nota técnica produzida pelo IPEA (2021) teve como objetivo principal consolidar as estatísticas sobre o trabalho remoto no país, e utilizou como sinônimos os termos tele trabalho, trabalho remoto e home-office. Existem muitos estudos sobre este tema, incluindo também a docência remota, no qual me incluo, nos diferentes níveis de ensino, que será interessante abordar em outro momento.

Neste estudo, ao observar os vínculos trabalhistas das pessoas exercendo atividades de maneira remota, entre formal e informal, nota-se predomínio de trabalhadores do setor formal - com 7,3 milhões de pessoas em home-office. Destes, 6,2 milhões possuíam vínculo de trabalho formal, enquanto o restante estava no setor informal, o que equivale dizer que 84,8% da população, no mês de novembro (2020), que estava em trabalho remoto encontrava-se no setor informal, mesmo resultado observado em meses anteriores.

Observa-se que deste total, 57,8% das pessoas eram mulheres; 65,3% se classificaram como brancas, com ensino superior completo, e idade entre 30-39 anos. Em termos de distribuição regional no Brasil constatou-se que o Distrito Federal, o Rio de Janeiro e São Paulo tinham os maiores percentuais de pessoas ocupadas em trabalho remoto; por outro, Pará, Amazonas e Mato Grosso apresentaram os menores percentuais.

Neste panorama, com o distanciamento social e o trabalho remoto, a pressão por produtividade e desempenho aumentou, aliando-se aos sentimentos de medo e insegurança, tanto em relação à permanência no mercado de trabalho quanto em relação à saúde dos trabalhadores e seus familiares. Realmente, as

---

<sup>4</sup> Distúrbio descrito pela primeira vez pelo médico psicólogo alemão Herbert Freudenberger (1926-1999), que diagnosticou a síndrome, em si próprio, em 1974. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

perdas de amigos e familiares, causadas pela Covid-19, afetaram de forma brutal a todos. Somadas às exigências do trabalho, a adaptação ao trabalho remoto, em casa com a família, os sobressaltos relativos à saúde, e a permanência em meios virtuais, com computadores e celulares ligados em tempo quase integral, provocou o aumento considerável de pessoas com sintomas de ansiedade e depressão no Brasil. Von Randow, *et. al.* (2021, s/p), citando Helioterio, *et. al.* (2020), refletem sobre este cenário e afirmam:

O isolamento social tem feito o trabalhador misturar seu tempo de ficar em casa e trabalhar em casa, principalmente devido ao medo de perder o emprego, sendo compelido a trabalhar mais, para gerar melhores resultados. Diante da pandemia da Covid-19, fatores como a sensação de vulnerabilidade, o temor de que algo de ruim aconteça a si e aos outros, o aumento das demandas de trabalho nos serviços, e a perda de controle sobre os acontecimentos, são aspectos que trazem ao trabalhador repercussões importantes, levando à sobrecarga emocional no trabalho com impactos no desgaste físico e mental.

Os mesmos autores destacam, neste cenário, o que se denomina de *hustle culture* - cultura da agitação - muito propagada na mídia, na formação dos profissionais e no meio empresarial - na qual se destaca e valoriza o trabalho excessivo, e que favorece o constante estresse levando ao esgotamento físico e mental - a síndrome de *burnout* – ou síndrome do esgotamento profissional, ‘marca’ da sociedade contemporânea. Como afirma o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017, p. 27) “a causa da depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho [assim] a Síndrome de *Burnout* não expressa o si mesmo esgotado, mas antes a alma consumida”.

Entre outros fatores próprios à crise, em todas as instâncias da vida, provocada pela pandemia mundial, os problemas emocionais são destaque hoje na sociedade devido ao sentimento de ‘desamparo coletivo’, decorrente da crise sanitária que atingiu todas as esferas das sociedades e seus cidadãos.

Um ponto a ser citado aqui, mas não menos importante, é a situação vivida pelos trabalhadores *precários, informais, ditos autônomos*, como nos alerta o sociólogo português Boaventura Souza Santos em seu livro *A Cruel Pedagogia Do Vírus* (2020, s/p) no qual afirma:

Depois de quarenta anos de ataque aos direitos dos trabalhadores, em todo o mundo, por parte das políticas neoliberais, este grupo de trabalhadores é globalmente dominante, ainda que sejam muito significativas as diferenças de país para país. O que significará a quarentena para esses trabalhadores, que tendem a ser os mais rapidamente despedidos sempre que há uma crise econômica.

Deixa a pergunta *O que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia-a-dia para viver dia-a-dia?* Os pequenos empresários, aqueles sem direitos trabalhistas regulamentados, os pequenos prestadores de serviço, entre

outros? A trágica resposta seriam as terríveis cenas de ‘caça aos restos’ partilhados pelas mídias. O cardápio de ‘sopa de ossos’ tem sido, em muitos lugares a dieta de luxo de grande parte da população desprovida de tudo, e sem benefícios sociais bem estruturados em larga escala, em diferentes áreas.

Esta crise gerou outras muitas crises, e agravou os problemas estruturais de diferentes países, e não temos ainda saída e nem respostas. Uma crise planetária, como nos diz Morin (2020) ainda em andamento, com o vírus vivo, mutante, e presente, como ainda se mostra nas novas ‘ondas’ de contaminação em todo mundo.

Observa-se que a condição da volta ao “normal” com trabalho e atividades presenciais está sendo feita gradualmente em decorrência da vacinação da população, mas nota-se ainda certa cautela diante do recrudescimento de casos na Europa e Estados Unidos, além da nova variante proveniente da África. Então, como será este futuro pós-pandemia? Incerteza é a palavra para todas as áreas – econômicas, políticas, sociais – do qual faz parte este ‘mundo’ do trabalho contemporâneo. Ficamos aqui com a reflexão proposta pelo centenário e lúcido pensador francês Edgar Morin (2020/sp):

Espero que a excepcional e mortífera **epidemia** que vivenciamos nos dê a consciência não apenas de que somos parte integrante da inacreditável aventura da Humanidade, mas também que vivemos em um mundo ao mesmo tempo incerto e trágico. A convicção de que a **livre concorrência** e o **crescimento econômico** são panaceias sociais que escamoteia a tragédia da história humana agravada por essa convicção.

No cenário que descrevemos sobre o mundo do trabalho contemporâneo, que criou uma sociedade ‘doente’, independente da ação do vírus, e que nos dá a sensação de liberdade e autonomia, mas nos aprisiona nas telas, para continuarmos produzindo e alimentando um ambiente “tóxico”, Morin (2020, s/p) deixa questões: “O neoliberalismo ameaçado retomar o comando? As nações gigantes vão se opor mais que no passado? Os conflitos armados, mais ou menos atenuados pela crise, se aprofundarão?”

Neste cenário deixo a questão: será utopia pensar em um espaço para descompressão? Inquietações sobre nosso futuro e convite à reflexão.

### **Um breve relato pessoal sobre a experiência de trabalho artesanal**

Nasci e fui educada em família de descendência italiana que guardava valores de vida e trabalho muito diferentes do que vivemos hoje. Meus avós maternos e paternos imigraram para o Brasil, especialmente para a cidade de São Paulo, que na virada do século XIX–XX já se estabelecia como mais desenvolvida, ao lado do Rio de Janeiro, e se mostrava propícia ao trabalho artesanal de qualidade, como o que já praticavam na terra natal. Eram artífices de calçados (lado paterno) e ‘modistas’ (lado materno). Eram incipientes os movimentos político-sociais e inexistentes os direitos trabalhistas.

Neste início do sec. XX os trabalhadores não tinham nenhum direito, os turnos de trabalho iam até tarde da noite e recomeçavam ainda de madrugada, incluindo crianças, como contavam minhas tias, confirmado em estudos que fiz posteriormente. Apoiada em Dulles (1997 s/p), registro:

O panorama sócio-político desse período é formado, por um lado, pelos capitalistas – a elite econômica, social e política – que contavam com apoio das forças do Estado, na manutenção da lei e da ordem; por outro, os trabalhadores, que não dispunham de mecanismos de proteção legal seja no trabalho ou na vida social. Não havia limites de horas para jornada de trabalho, remuneração adequada, benefícios sócios assistenciais, e muitas mulheres e crianças (a partir dos seis anos!) trabalhavam nas fábricas, inclusive em longos períodos noturnos.

Nesse contexto germinaram as sementes do anarquismo e, posteriormente, do socialismo, trazidas por trabalhadores imigrantes, já engajados nessas lutas em seus países de origem. Dos princípios de base anarquista que guiaram as lutas dos trabalhadores nesse período destacamos a participação de italianos e espanhóis, países com tradição de enfrentamento social entre a classe trabalhadora e o patronato. Neste contexto conturbado de lutas meu avô, militante anarquista, é assassinado em uma festa no clube do grupo, na frente de minha avó grávida, e com a filha de 8 meses ao colo (minha mãe) em 31/12/1922.

Minha mãe é criada pelos avós e tios maternos com muito carinho, até o segundo casamento de minha avó. De temperamento determinado aos 15 anos vai morar com a avó paterna. Já tinha a escolaridade básica e um curso profissionalizante de corte/costura, na escola de freiras que frequentara. Começa a trabalhar como costureira - como eram chamadas as iniciantes à época. Conhece meu pai em uma festa - ele também participava das reuniões sindicais dos artífices de calçados, mas não era um militante como meu avô - e logo se casam, já que ambos eram órfãos.

Meu pai dá início a uma pequena confecção de sapatinhos para bebê, mas não deixa seu trabalho na empresa de calçados. Um 'amigo' advogado entra como sócio comprando as duas pequenas máquinas, e meu pai adquire as peças de couro de bezerro ou carneiro (?) mais as ferramentas necessárias ao trabalho feito, na maior parte, manualmente. Minha mãe desenha os modelos e supervisiona a confecção pelos artesãos, todos italianos. Em cerca de 3 anos estavam animados com os resultados e faziam planos. Um dia chega a cobrança de prestações atrasadas relativas às máquinas. Um golpe! O sócio retirava seu lucro e o dinheiro para pagar as prestações, mas não pagava. Vergonha. Falência. O sonho acabou ali. Nasce, então, a modista – denominação das costureiras de 'roupas finas' - minha mãe assume o comando da casa (inusitado à época).

O tempo foi passando entre tecidos, linhas, chapéus, flores e bordados, tudo feito à mão, figurinos importados – exigência à época - e clientes. Cresci tendo o ato de trabalhar como parte do cotidiano. Evidente que, ajudando, aprendi tudo o que minha mãe fazia, mas aquele não era o caminho que idealizava

para mim. Posteriormente, escrevi que minha casa era a 'oficina dos sonhos' na qual se entreteciam beleza e ilusões, especialmente pela confecção de vestidos de noivas e festas, que viraram a especialidade da mama.

Costuravam-se sonhos e ilusões, que tinham início nas primeiras visitas, escolhas nos figurinos, muitas conversas. Depois a escolha e compra de tecidos com as clientes - uma tarde inteira nas lojas - muitas vezes, eu ia junto. Depois se discutia a 'estética' da noiva/mãe/madrinha/sogra, que na época costumava acompanhar os preparativos, e a modista dizia, às vezes cruamente, 'você está gorda'; 'tem muito peito'; 'precisamos disfarçar seu 'traseiro'; 'tem a canela fina' - entre outras 'pérolas'. Sinceridade (às vezes excessiva) era característica da apreciada modista, que também era uma 'usina' de ideias e sugestões, e tinha muita segurança - às vezes 'montava' o vestido no próprio corpo da cliente, sem cortar o tecido (outra parte desta longa história).

As mães discutiam com as filhas ou noras, as 'noivinhas' choravam, a sogra dava palpites infelizes... As noivas choravam um pouco mais e vinha a ordem - Verinha, vai buscar um copo de água com açúcar. Assistia, sem saber analisar, mas aprendendo, uma explosão de emoções - um verdadeiro teatro! Momento muito delicado e importante para a profissional, pois seu bom gosto também estava à prova, caso a cliente não ficasse 'bem' vestida. Todas deviam chegar lindas e elegantes nas festas e casamentos, principalmente a noiva.



Atelier de costura da Casa Paris na Rua Garrett. Fotografia de Joshua Benoliel, 1911

Escolhas feitas, entravam em cena outros profissionais artesãos: floristas, bordadeiras, chapeleiras, sapateiros, processo que era também responsabilidade da modista. Lembro bem do estresse e das noites sem dormir

passadas na máquina... costurando os sonhos alheios. Ainda escrevo mais sobre essas antigas lembranças... Mas, é hora de interromper essa avalanche de recordações e finalizar esta reflexão, que se estendeu além do esperado. Finalizo, assim, lembrando que durante todo este processo criava-se uma sociabilidade e cumplicidade de ambas as partes, mesmo considerando as diferenças sociais existentes, o que 'transformava' o ato de trabalhar, pois continha uma pitada de magia e, às vezes, era divertido também. Muito aprendi nessas vivências – flexibilidade, responsabilidade, etiqueta, diplomacia, desenvolvimento do senso estético, paciência e outras coisas, que continuo descobrindo.

Pude experimentar sensações, emoções, ver a criação do belo, conviver com a diferença de classe, aceitando a realidade como necessária e a importância do trabalho sem descanso de minha mãe, base de uma formação realista (como ela) sem enfeites, privilégios, amarguras - aprendi a viver a realidade e ser responsável por meus atos e escolhas. O ato de trabalhar artesanal que vivemos, sem patrões, mas também sem benefícios formais, foi 'puro', e posso dizer belo. Mas o cotidiano era sem glamour, real, duro, uma escola!

Meu pai se aposentou, na mesma empresa, sempre esperando a promoção prometida, que nunca chegou.

Na oficina artesanal da 'mama' teciam-se sonhos e ganhava-se o pão.

## Referências

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Posfácio de Celso Lafer. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista - A Degradação do Trabalho no Século XX*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

BRANDÃO, V. Vozes do Passado – Desvelamento, Reconfiguração, Empoderamento. *Rev. Longeviver*, Ano I, n. 2, Abr/Maio/Jun, São Paulo, 2019: ISSN 2596-027X.

BYUNG, C. H. *Sociedade do Cansaço*. Editora Vozes, 2019.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DOWBOR, L.; ALEXANDRE, I.M. *O que acontece com o trabalho?* Editora Senac São Paulo, 2002.

<https://www.sobratt.org.br/fbt2005/Ladislau%20Dowbor.pdf>

DURKHEIM, E. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

FOCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Portugal. Edições 70, 2013.

GORZ, A. *Métamorphoses du travail: quête du sens. Critique de la raison économique*. Paris: Galilée, 1988.

HELIOTERIO, M.C. *et.al.* COVID-19: por que a proteção da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde é prioritária no combate à pandemia? *SciELO Preprints*, 2020. *Trab. educ. saúde* 18 (3) • 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/YCVxkfvBRNszyvFddBwJhkd/?format=html> Acesso em 25/11/2021.

LINHART, R. *A greve na fábrica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORIN, E. *Um Festival de Incertezas*. Instituto Humanitas Unisinos, 2020. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>

GÔES, G.S; MARTINS, F.S.; NASCIMENTO, J.A.S. Nota Técnica IPEA. Número 50 — *Nota de Conjuntura* 8 — 1º TRIMESTRE DE 2021, Brasília. Acesso nov.2021: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1152614>

PRAUN, L. A solidão dos trabalhadores: sociabilidade contemporânea e degradação do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2016, vol. 19, n. 2, p. 147-160 – DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v19i2p147-160.

SOUZA SANTOS, B. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Editora Boitempo, 2020.

VON RANDOW, G.LF. Teletrabalho, Hustle Culture e Burnout: A Saúde do trabalhador na pandemia e a necessidade do direito à desconexão. *Revista Pensar Acadêmico*, 2021. Disponível em: <http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/noiteacademica/article/view/2684>

*Data de recebimento: 07/12/2021; Data de aceite: 07/12/2021*

---

**Vera Maria Antonieta Tordinio Brandão** – Pedagoga – USP. Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia. PUC/SP; Pós-doc em Gerontologia Social. PUC/SP. Docente e Pesquisadora CNPq do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) PUC/SP; Editora da *Revista Longeviver*; Coordenadora pedagógica do *Espaço Longeviver*.  
E-mail: [veratordinobrandao@hotmail.com](mailto:veratordinobrandao@hotmail.com)